

UNICAMP

P24.48

EVENTO: WILLIAM FORSYTHE ANALISA O MOVIMENTO

VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO

DATA: 23 JUL 96

PÁGINA: D-1

SEÇÃO: CADERNO 2



# William Forsythe analisa o movimento

Cena de *Eidos/Telos* (1995), coreografia de William Forsythe: ele não organiza movimentos no espaço, constrói o espaço com ou sem movimentos



O coreógrafo, líder do Ballet Frankfurt, estuda o processo de criação no campo da dança

ASSIMINA VLAHOU  
Especial para o Estado

ROMA — Este ano Roma teve a sorte de ser incluída no roteiro de William Forsythe e seu Ballet Frankfurt. Aos 47 anos, é considerado o coreógrafo mais genial hoje existente e com uma produção contínua. Conta com mais de 60 coreografias em seu currículo. Trabalha com um grupo de 40 bailarinos de várias nacionalidades com rígida formação clássica. Forsythe trouxe para a capital italiana dois trabalhos realizados este ano, *Aproximate Sonata* e *The Vertiginous Thrill of Exactitude*, além de *Firsttext*, criado em 1995.

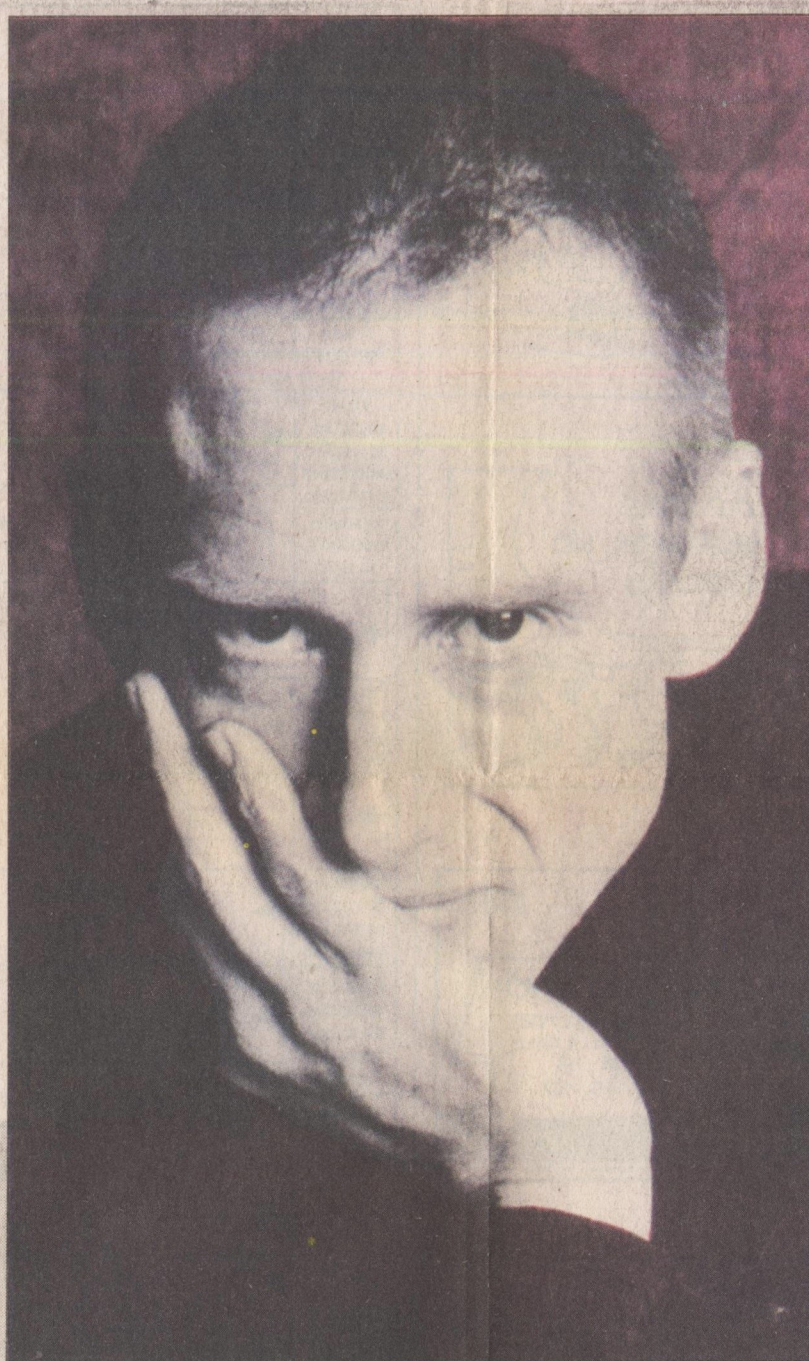
Programado para um teatro ao ar livre, o evento é excepcional para Forsythe, que se apresenta quase exclusivamente em teatros fechados. O espaço reservado é o jardim do Museu dos Instrumentos Musicais, ao lado de um dos templos do catolicismo, a Basílica de Santa Cruz em Jerusalém, onde estão guardadas relíquias da cruz de Jesus Cristo.

Ilustrando o espetáculo, o coreógrafo americano, radicado na Alemanha há mais de 20 anos, explicou que os trabalhos apresentados em Roma fazem parte de um programa maior cha-

mado *Os Seis Contrapontos*, que teve de adaptar para o espaço e o público daqui. "Um repertório não muito duro visto que o público italiano não é habituado a observar e compreender a dança", explica William Forsythe. Diz que é uma espécie de apresentação do trabalho feito em Frankfurt nesses 12 anos. "O *Aproximate Sonata* é uma interpretação por meio de contrapontos da dança clássica com quatro casais, cinco duetos e dois solos", ilustra o coreógrafo. Quanto ao *Vertiginous Thrill of Exactitude*, que ele considera extremamente difícil para os bailarinos, é a parte mais organizada como um balé clássico na forma tradicional.

*Firsttext* foi criado originalmente para Sylvie Guillem do Royal Ballet. Mas os ingleses não se adaptaram ao sistema de trabalho de William Forsythe. "Eles não gostam da idéia de trabalhar em grupo, preferem ter um maestro à frente e não é assim que trabalhamos em Frankfurt, onde há uma grande colaboração entre o coreógrafo e bailarinos."

Recusando ser definido como único autor de suas coreografias, Forsythe defende o trabalho de grupo e a importância da participação dos bailarinos no processo criativo. "Dessa forma quem dança é mais autêntico no palco e sente melhor seu papel", diz. Lembra que um grupo de pessoas é um microcosmo da sociedade em que ninguém cria sozinho. E desmonta qualquer tentativa de coligar essa maneira de trabalhar com alguns artistas da van-



O coreógrafo William Forsythe ensina os jovens bailarinos que o procuram: "Estudem filosofia"

claro, isso é puro algoritmo." Para Forsythe, o mundo que se mexe evolui porque são essas estruturas algorítmicas que se reproduzem evolutivamente. E, como quase tudo que tem mobilidade por ser "algoritmável", isto é, pode ser traduzido matematicamente, o mistério, para ele, está em desvendar esse modo de agir da matemática.

Mas, se Forsythe agora fala a língua dos computadores, isso teve origem em 1971, quando descobriu Rudolf Von Laban, o maior teórico alemão da dança deste século. Nes-

sa ocasião, operou o joelho. Como ainda não existiam as microcirurgias de hoje, precisou ficar oito semanas de repouso. Foi quando teve tempo de descobrir a *Space Harmony* de Rudolf Von Laban.

"Era quase o equivalente das teorias de Schoenberg, era como perceber por um corpo orientado no espaço axial com um texto puro que não necessitava de contexto", diz. "Comecei a imaginar uma espécie de movimento serial e, mantendo certas posições de braços do balé, descobri que podia treinar pessoas

guarda americana como Cage e Merce Cunningham. Sobre Cunningham especialmente, nega que tenha tido qualquer influência em seu trabalho. Admite que a criação em grupo se impôs mais por necessidade, por uma questão de orçamento. "Tínhamos muitos bailarinos e pouco tempo para ensaiar, cerca de 20 noites, então dividimos as tarefas, cada um fazia uma parte da criação", conta. "O que fiz foi ensinar as pessoas a pensar coreograficamente."

Sempre para facilitar o trabalho dos bailarinos, lançou há pouco um CD-ROM no qual analisa cerca de cem temas. "É um instrumento didático realizado para a companhia, que ajuda a entender como trabalhamos." Ele acrescenta que "o ponto forte do programa é a animação, porque em vez de falar você mostra, dissecar o movimento." O CD-ROM, inicialmente realizado para uso interno do grupo, acabou tornando-se muito popular e procurado, e foram feitas várias cópias.

O coreógrafo exclui a influência de outras artes ou campos em suas criações. Diz que todo o seu trabalho se baseia na dança, sem alguma preocupação intelectual nem relações ou interferências externas. "Não me recordo de ter visto em outros campos da arte coisas que me tenham feito dançar",

explica.

Mas isso não quer dizer que ele não observe outros campos como a arquitetura ou a pintura. Ele sentiu a necessidade de entender a intimidade que um artista tem com seu trabalho e, para isso, foi útil observar um pintor alemão chamado Richter. "Com isso pude entender que é fundamental para a criação no campo da dança que o bailarino seja o material coreográfico e o coreógrafo seja bailarino."

Mas depois dessa abstração toda deixa claro que sua intenção fundamental é "passar para as pessoas a vontade de dançar". E lembra sua fidelidade à técnica acadêmica, clássica, por trás das constantes pesquisas e experimentações.

Forsythe não está preocupado com a conservação de seus trabalhos, assim como não gosta de repeti-los. Diz que está sempre fazendo coisas novas. "No meu testamento está escrito que quando eu for embora tudo o que fiz vai comigo", declara. Para ele, há novas gerações de coreógrafos e não acredita que seu trabalho possa ser valioso para os outros. Quanto à reprodução, pensa que contribui ao desgaste do trabalho. "É como fazer cópias de um vídeo várias vezes, no final há uma degeneração, vai perdendo a qualidade e a cor", conclui.

## Dança usa a matemática para estrangular corações

A construção estrutural dos movimentos produz incomparáveis devastações emocionais

HELENA KATZ  
Especial para o Estado

Forsythe pensa a dança por algoritmos (tradução matemática da informação) — por isso, ele é único. Não organiza movimentos no espaço, constrói o espaço com ou sem movimentos. Uma empreitada dura. Para ele, seus bailarinos e seu público. Todos precisamos aprender que Forsythe coreografa como quem programa bits e não como quem toma como modelo esses nossos corpos à base de carbono.

Sua coreografia é só cérebro, então, sem emoção? Fuja das polaridades bobas. Desde que Antonio Damasio explicou como razão e emoção são parceiras na obtenção de qualquer conhecimento, no seu livro *O Erro de Descartes*, a velha oposição entre "frieza cerebral" e "calor dos afetos" foi aposentada.

Forsythe é o melhor exemplo de como a mais exigente atenção ao fazer estrutural pode produzir incomparáveis devastações emocionais. Quem consegue sair de *Eidos/Telos*, por exemplo, sem ter o coração estrangulado, a garganta seca e os olhos arregalados por tanta inteligência e beleza?

A cabeça de Forsythe lê o mundo por algoritmos. Ele pára, aponta uma árvore que o outono começa a desfolhar e comenta: "Veja como é

a se mover por esse modelo ou a reorganizar esse modelo com o que elas já sabiam de balé", afirmou. "Passei a produzir séries infundáveis de movimento — não puramente clássico, mas movimento que é, na sua forma pura, intrinsecamente e essencialmente balé, apesar da sua organização ser completamente diferente."

Daí para os algoritmos não havia mais ponte a percorrer. Por isso, seu balé virou o que virou: uma ficção que ganhou concretude nesse tipo de entendimento. Ainda é balé, mas não é mais: é Forsythe.

Outro exemplo da sua singularidade. Em *Behind the China Dogs*, criada para o New York City Ballet, por exemplo, não há contagem. Cada bailarino dança no seu timing musical. É a música que foi construída de modo a fa-

zer aquele tipo de dança organizada parecer que foi organizada.

Há 11 anos, Forsythe está associado ao músico Thom Willems — a alma gêmea que aplica os mesmos procedimentos ao tecido musical. Juntos, têm dado à dança um rumo tão inaugural como a que outra dupla produziu, a de Merce Cunningham com John Cage. E, como nessa, não se trata de parceria entre pessoas, mas entre pensamentos. Mesmo quando os sujeitos mudam, não se modifica o tipo de realização.

Não é à toa que Forsythe aconselha todo jovem coreógrafo que o procura, em busca de cartilha: "Estude filosofia." O mundo ao qual ele pertence é mesmo denso, sofisticado e coerente. O fascínio nasce justamente daí.

ELE TRABALHA  
COM GRUPO  
DE 40  
BAILARINOS

RUDOLF  
LABAN  
TROUXE NOVAS  
CONCEPÇÕES